

## **T7: O fenômeno da globalização por Boaventura de Souza Santos**

### **Bianca Pan dos Santos com contribuições dos grupos e do professor**

O autor inicia seu texto discorrendo sobre diferentes correntes de pensamentos de cientistas sociais em torno dos problemas fundamentais da humanidade. A primeira corrente lembrada é aquela que defende a ideia segundo a qual a sociedade liberal capitalista moderna enfrentou a oposição radical dos movimentos socialista e comunista, tendo conseguido neutralizá-la. Ademais, esta corrente julga que todos os grandes problemas da sociedade capitalista foram resolvidos. Em contrapartida, segundo uma segunda posição, a sociedade contemporânea vive um problema acentuado, aquele de bloquear a reflexão sobre os problemas fundamentais da humanidade, já que a sociedade de consumo, a cultura de massas e a revolução da informação e da comunicação superficializaram tanto as condições de existência quanto o modo de se pensar. A terceira corrente de pensamento mencionada por Santos considera que os pressupostos epistemológicos da modernidade (a racionalidade cognitivo-instrumental e a forma de produzir o conhecimento técnico-científico) contribuem para provocar uma incapacidade de reflexão sobre os maiores problemas da humanidade. Enfim, outro grupo de cientistas sociais acredita que o problema fundamental da sociedade industrial/capitalista consiste no esgotamento das virtualidades de desenvolvimento societal. Autores desse grupo centram sua reflexão em alternativas ecológicas, sócio-políticas, sócio-econômicas e, por fim, de governança transnacional.

Boaventura Santos parte de um modelo analítico que, ao contrário de outros, pode ser aplicado tanto às sociedades nacionais quanto às subnacionais e transnacionais, distinguindo quatro constelações de relações sociais que são designadas por espaços-tempo estruturais, tais como o espaço-tempo doméstico, o espaço-tempo da produção, o espaço-tempo da cidadania e o espaço-tempo mundial, alertando que a problematidade do tempo presente e das próximas décadas advém da conjunção, e não de nenhum desses problemas em separado. No texto estudado, o foco da análise se dirige ao espaço-tempo mundial.

A intensificação da globalização da economia e das relações transnacionais tem dado ao espaço-tempo mundial uma relevância crescente devido ao seu poder conformador de cada um dos restantes espaços-tempo. O problema principal deste espaço-tempo é o aumento presumivelmente irreversível da polarização entre o Norte (países centrais) e o Sul (países periféricos). Este problema

engloba uma série de fatores, o autor focando seu olhar na explosão demográfica, na globalização da economia e na degradação ambiental.

A explosão demográfica é um problema delicado, com diferentes manifestações no mundo. Atualmente, há uma discrepância entre o Norte e o Sul: enquanto esta parte do mundo está preocupada com o aumento populacional desenfreado, o Norte se depara com um crescimento negativo e um envelhecimento de sua população.

Esta explosão se torna um problema à medida que produz um desequilíbrio entre a população e os recursos naturais e sociais, levando a pensar na previsão de Malthus no final do século XVIII, que dizia que o crescimento populacional da Inglaterra, França e América provocaria o esgotamento das terras para assegurar a subsistência dos povos, o que levaria a guerras, fome e doenças. Malthus estava enganado, uma vez que tanto a população quanto os recursos aumentaram. O desenvolvimento tecnológico permitiu a geração de formas de produção muito eficientes, podendo atender a demanda de uma população maior e mais consumista. Contudo, nos dias atuais, é sobretudo a imigração em massa para os países mais ricos que se apresenta como resposta à explosão demográfica dos países empobrecidos.

Por outro lado, o processo de globalização da economia tem se intensificado enormemente nas últimas décadas, o que é reconhecido mesmo por aqueles que pensam que a economia internacional não é global em virtude da importância ainda relevante de mecanismos nacionais de gestão macroeconômica e da formação de blocos comerciais. De todo modo, convém realçar que a economia mundial cresceu mais do pós-guerra até hoje do que em toda a história mundial anterior.

Atualmente, a Ásia ganha um papel de extrema importância no processo de produção mundial. Segundo o autor, após cinco séculos, a Ásia conseguiu que o motor do capitalismo, baseado na capacidade produtiva em larga escala, se deslocasse do Ocidente para o Oriente, que adquiriu espaço e atenção na ordem econômica mundial. No entanto, tal movimento ocorreu, em grande medida, com a negligência da problemática ambiental e da preservação dos recursos naturais, levando a grandes desequilíbrios, como é possível observar na situação atual da China. Desde o início do processo de abertura econômica chinesa, há mais de três décadas, o rápido desenvolvimento econômico do país apresentou como consequência imediata a degradação ambiental. A China é um dos líderes mundiais de emissão de gases do efeito estufa, além de contar com altos níveis de utilização de energia poluente. Outro ponto a ser destacado acerca desse deslocamento é sua

concentração na produção de bens de consumo, uma vez que os países centrais ainda são responsáveis pelo desenvolvimento de tecnologias, o que mantém muitas das relações de dominação há tempos estabelecidas. Mesmo no próprio continente asiático pode-se identificar uma divisão centro-periferia segundo a qual alguns países, como o Japão, têm poder de influência notadamente maior que os outros. A partir da Revolução Meiji e, sobretudo, no mundo pós-guerra, o Japão ocupou importante espaço no cenário global. Hoje, apesar de possuir recursos naturais escassos, é uma das maiores economias do mundo.

No novo sistema de economia globalizada, a presença marcante de multinacionais, transnacionais e empresas globais denota seu evidente poder na nova configuração econômica mundial. Esses grupos empresariais se desvinculam dos limites e do controle do Estado, tornando-se um sistema a parte que pensa e respira sem maiores orientações oriundas do debate social. A influência exercida pelas empresas desse tipo sobre a economia não pode, de forma alguma, ser deixada de lado. A partir do exercício do poder econômico multinacional, modificam-se as interações de mercado, as políticas, as relações entre patrão e empregado, em suma afetando profundamente a sociedade.

Outro traço de globalização da economia fortemente ligado às multinacionais é o avanço tecnológico na área de biotecnologia. Aqui também se observa o aumento na polarização entre o Norte e o Sul, uma vez que ocorre uma superprodução no Norte e uma subprodução no Sul. A biotecnologia trouxe o “imperialismo biológico”, termo que compara a atual situação ao imperialismo ocorrido na época das grandes navegações. O desenvolvimento da biotecnologia poderia resolver diversas dificuldades produtivas dos países pobres. Porém, esses recursos são produzidos por transnacionais em função de suas estratégias empresarias de obtenção de lucro. Assim, como sugere Santos, não é absurdo pensar que os agricultores do Terceiro Mundo venham a fornecer às empresas de biotecnologia recursos genéticos a partir dos quais são criados bio-produtos aos quais os agricultores do Terceiro Mundo só terão acesso se tiverem meios para pagar elevados preços.

Nestas lógicas díspares, são impostas regras desfavoráveis aos países exportadores de produtos agrícolas enquanto aumenta o poder dos países capitalistas centrais. Assim, agrava-se a desigualdade gritante entre os países, camuflada por uma “tentativa”, ínfima, de apoio por parte dos países considerados desenvolvidos.

Esta disparidade é exemplificada pelo autor com a análise do programa "Alimentação para a Paz", promovido pelos EUA. De fato, o padrão de produção alimentar específico de cada país é desestruturado em razão de subsídios à produção de alimentos nos EUA sob a bandeira do combate à fome, o que acaba tornando os países de Terceiro Mundo dependentes da produção norte-americana. Convém explicar aqui, com mais detalhes, tal processo. Na década de 50, os EUA iniciaram o programa designado "Alimentação para Paz" de vendas subsidiadas de produtos alimentares, tendo sido divulgado que se tratava de uma iniciativa para combater a fome nos países periféricos. A verdade, contudo, é que esse último não era seu principal objetivo. Com efeito, os objetivos centrais dos EUA eram ampliar a exportação de mercadorias agrícolas americanas, resolvendo problemas internos de superprodução com a expansão do mercado internacional. Desta forma, muitas culturas tradicionais foram negligenciadas ou substituídas em razão de produtos alimentares importados. Muitos países pobres passaram a depender cada vez mais da importação de cereais. Tais circunstâncias levaram a uma dieta menos diversificada e estranha em relação aos hábitos alimentares das populações destes países.